

PHILIPPE WILLEMART

Os Processos de Criação em
À Sombra das Raparigas em Flor

A Pulsão Invocante e a Psicologia
no Espaço em Proust


Ateliê Editorial


FAPESP

Sumário

Prefácio – <i>Guilherme Ignácio da Silva</i>	11
Introdução	17
PARTE I: A PULSÃO INVOCANTE EM À SOMBRA DAS RAPARIGAS EM FLOR	
1. A Arte do Retrato	23
2. A Verdade ou a Ternura	39
3. O <i>Boeuf Mode</i> e o Discurso de Norpois	55
4. O Jantar: o Novo Swann	67
5. Para que Serve Literatura?	79
6. A Berma e Gilberte, Atrizes de Comédia	89
7. A Vocação	99
8. Uma Superfície Invisível	111
9. O Herói Lutando com seu Corpo	123
10. Carta	133

11. As Derivas de Swann	143
12. Como Criar a Lembrança de uma Melodia?	153
13. Entre o Escritor e o Autor: Bergotte	165

PARTE II: ACRÉSCIMOS À RODA DA ESCRITURA

1. A Roda da Escritura	179
2. A Roda da Leitura	189
3. A Roda da Leitura para o Crítico	193
Bibliografia	201
Índice dos Conceitos	207
Índice Onomástico	211
Livros do Autor	215

Prefácio

O novo livro de Philippe Willemart sobre a obra de Marcel Proust tem um recorte bastante preciso: em uma sequência de treze capítulos, o crítico analisa “somente a primeira parte” do primeiro capítulo de *À Sombra das Raparigas em Flor*. Os treze capítulos aprofundam o estudo do trecho do segundo volume de *Em Busca do Tempo Perdido* iniciado pela visita do ex-embaixador, Sr. de Norpois, à casa dos pais do herói. Passagem capital do livro, esse jantar é oportunidade para um primeiro balanço das mudanças de alguns dos personagens principais do livro: o requintado Charles Swann e o médico Dr. Cottard, ambos bastante diferentes agora da imagem que tínhamos deles nos primórdios do salão burguês dos Verdurin. O jantar também coincide com o momento de maior intensidade do interesse do herói pela filha dos Swann, Gilberte, e com a primeira ida do herói ao teatro, de onde ele trará as primeiras impressões (equivocadas) sobre a arte cênica.

Sabe-se que o tema do jantar é central na *Busca do Tempo Perdido*. Sem se dispersar narrando numerosas recepções, o

narrador proustiano concentra sua força análise na descrição de recepções pontuais: além desse jantar com o velho embaixador, há o jantar de Swann no salão dos Verdurin, um jantar no salão da duquesa de Guermantes, uma recepção luxuosa no palacete da princesa de Guermantes, uma recepção à beira-mar, junto dos Verdurin, um jantar à beira da morte, de Norpois e da marquesa de Villeparisis (em Veneza) e a recepção final, no salão da nova princesa de Guermantes. O tema do jantar, em Proust, é o momento em que se reconhece sua vinculação (negativa) com a secular história da conversação francesa¹.

O ensaio de Philippe Willemart retoma os outros estudos que ele já dedicou à obra de Proust. E não são raras as transições entre diferentes episódios do ciclo de romances proustianos: embora se restrinja ao trecho inicial do segundo volume, em uma mesma página de seu livro, podemos entrar em contato com a síntese de leituras de vários volumes de *Em Busca do Tempo Perdido*.

Talvez o que é característico deste livro sobre as *Raparigas em Flor* é uma mobilização de um número considerável de passagens extraídas dos cadernos manuscritos de Proust: com a mesma facilidade com que transita entre os sete volumes do romance publicado, Willemart destaca com precisão trechos dos manuscritos proustianos registrando etapas muito diferentes da criação do livro.

Nesse sentido, a tese central de Willemart, que aparece dissimulada na consulta frequente aos manuscritos, vem formulada com precisão no capítulo sobre o sentido da literatura:

É na medida em que o escritor, perseguindo seu desejo de escrever, será movido por um pedaço de real inconsciente do gozo que ele ousará franquear as barreiras eventuais da moral e inventar novas personagens ou situações que ressoarão nos seus contemporâneos ou nas gerações futuras (p. 86).

Origina-se desta tese a convicção que vincula a postura da escuta (analítica) ao ato fundador da prática criativa: “Para chegar

1. Cf. nesse sentido “Contre la Conversation: Proust et la Musique de la Vanité” em Emmanuel Godo, *Histoire de la Conversation*, Paris, PUF, 2003, pp. 268-276.

à vida instintiva, o artista deve suprimir qualquer ruído externo e se colocar na escuta desta vida, mas de uma maneira extremamente atenta como se escutasse um deus que fala” (p. 42). Psicanalista de formação, Philippe Willemart nos indica, com suas análises, a postura do verdadeiro leitor de Proust, definida pelo próprio narrador do livro em suas audições musicais, quando procura “unir umas às outras [...] as linhas fragmentárias e interrompidas da construção, a princípio quase oculta na bruma”²; “como o público escutando um concerto de Mozart no qual o essencial está na melodia e na alternância dos instrumentos e não nas notas em si” (p. 60) o leitor de Willemart deve se deixar levar (“*se laisser mener*”) se entregar a essa “conversação” escrita, pois “contemplar, parar, se deixar levar, tomar o tempo necessário, são exigências da obra de arte” (p. 114).

No momento em que os indicadores Qualis moldam a prosa crítica endurecida das revistas indexadas, o texto de Philippe Willemart faz pensar em uma forma de prosa crítica originada do trabalho em sala de aula, em tom de conversa evocando lembranças – ainda que sejam lembranças de leituras.

Como “o analista que conclui as palavras do analisando”, faz parte da proposta dos livros de Philippe Willemart sobre Proust conseguir verbalizar o que ficou apenas sugerido pelo escritor. Essa etapa da análise é expandida com desenvoltura pela alusão serena a descobertas científicas (com destaque para as formulações conceituais da psicanálise). Essa expansão interpretativa acontece com a rapidez de quem cita de cor e demonstra a todo instante a convicção – que já foi título de um de seus livros – de que a literatura e as artes estão (muito) além da psicanálise e das demais ciências.

Se a literatura e as artes estão para além de uma apreensão meramente conceitual, uma nova etapa da análise ficaria a cargo do leitor, pois nunca se esgotam as possibilidades interpretativas de uma obra literária. Seguindo as trilhas de expansão interpre-

2. Marcel Proust, *A Prisioneira*, trad. Manuel Bandeira e Lourdes Sousa de Alencar, São Paulo, Globo, 2011, p. 181.

tativa descortinadas por Willemart, a investigação sobre o Sr. de Norpois e o casal formado por Charles Swann e Odette de Crécý – tema que abre *À Sombra das Raparigas em Flor* – poderia se expandir ao pensarmos que para “a volúpia em juntar a si” a cortesã colaborava também o desejo masoquista de confirmação do sentimento do pária no ambiente sufocante dos salões remanescentes do *faubourg* Saint-Germain; por sua vez, a cortesã sádica – com quem tantos outros também gozavam – pode ter visto no judeu elegante a figura mal disfarçada do pária que desfruta de brevíssimo intervalo de prestígio mundano: a doença fulminante de Swann coincidirá com o acirramento do caso Dreyfus e as vantagens mundanas que a mulher adquire ao se assumir antissemita: “Moisés no Monte Sinai não entreviu o gozo divino e não voltou transformado?” (p. 40). Entre um jantar oficial e um artigo de jornal, as “mãos suaves” do Sr. de Norpois recomendarão em breve o manuseio de “fuzis de repetição” na guerra de vingança contra o capital judeu-alemão, guerra pela qual o embaixador anseia nas coxias. *Em Busca do Tempo Perdido* não é um livro de reminiscências passadas, mas uma leitura em surdina do futuro contido no instante.

*

A respeito do trabalho de Philippe Willemart com os manuscritos proustianos, vale lembrar que ele coordena a equipe brasileira no interior do projeto internacional de edição dos cadernos de esboços de Proust pela editora belga Brepols em parceria com a Bibliothèque Nationale de France. Introdutor da crítica genética entre nós, Willemart também possibilitou aos pesquisadores brasileiros de Proust entrar em contato com o acervo de manuscritos do escritor sob os cuidados da Equipe Proust do Institut des Textes et Manuscrits Modernes de Paris.

Aliás, não seria esse um dos maiores trunfos do trabalho de docência de Philippe Willemart? Antes das leituras teóricas, a verdadeira formação crítica depende sobretudo do acesso aos textos originais de um escritor. As aulas de Willemart que ago-

ra lemos em forma de livro, são modelos de apresentação das obras literárias por privilegiarem, antes de mais nada, o contato efetivo com os textos originais, sob a forma de esboços ou de texto publicado.

Guilherme Ignácio da Silva (Unifesp)

Julho de 2015